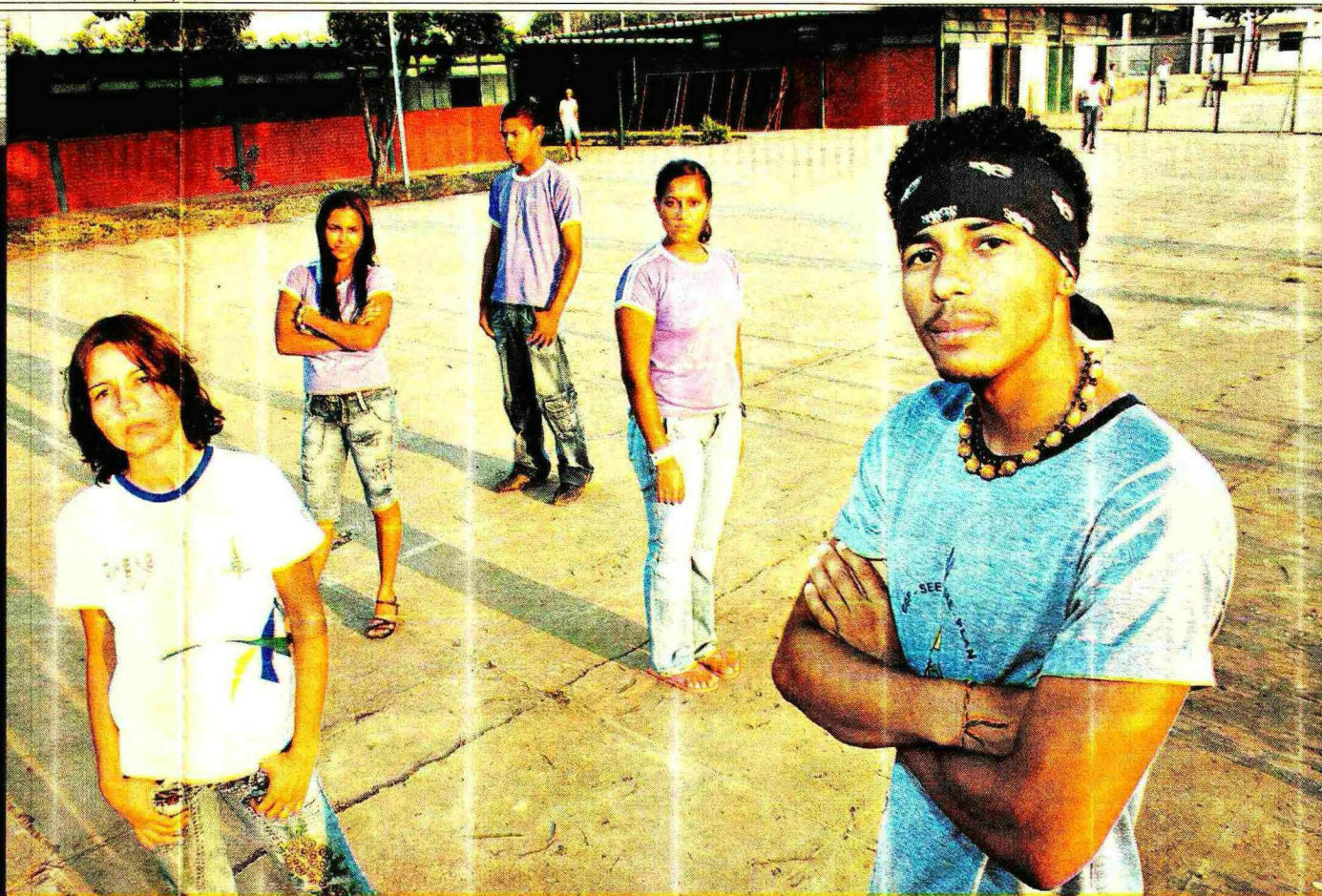


DF - Educação

Gustavo Moreno/Especial para o CB

NO DIVÃ

ESPECIALISTAS APONTAM SAÍDAS PARA A CRISE NO ENSINO MÉDIO. UMA DELAS É OFERECER CURRÍCULOS DIVERSIFICADOS



CAROLINE, JANAÍNA, LUÍS RICARDO, CRISTIANE E JONATHAS, TODOS ATRASADOS NA ESCOLA, QUEREM FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO CURRÍCULO

PRISCILLA BORGES

DA EQUIPE DO CORREIO

O ensino médio necessita de mudanças. Essa é a constatação de professores, alunos e especialistas. O patinho feio da educação brasileira, sempre “esquecido” nas políticas públicas, precisa se renovar para não deixar a juventude brasileira à margem da sociedade. O mundo globalizado exige das escolas não só recursos tecnológicos, mas também novas formas de ensinar. Os computadores e a internet são fundamentais para dar novo fôlego às aulas e promover inclusão digital. Mas a escola precisa ir além. Precisa atender às demandas de uma juventude que chega ao ensino médio atrasada nos estudos, pressionada pela necessidade

de entrar no mercado de trabalho e sem a universidade como prioridade.

Na escola, os estudantes não encontram o apoio de que precisam para superar as dificuldades de aprendizagem que trouxeram na bagagem. Muitos não percebem a importância das aulas de física, química e matemática para o futuro. Como também não aprendem na escola uma profissão, há um contingente grande de jovens que desistem: ou não levam a sério os estudos ou abandonam a escola. Para suprir as carências e responder aos anseios da juventude, os currículos têm de se tornar mais atraentes; as aulas, menos monótonas e a escola, mais próxima da realidade.

O panorama do ensino médio no Brasil não é nada confortável. Os dados da Síntese de Indicadores Sociais

2006, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que a população de jovens com idade entre 15 e 17 anos é de 10,6 milhões. Destes, 8,7 milhões frequentam a escola. Porém, apenas 45,3% deles estão na fase correta para a idade: o ensino médio. Na fase final da educação básica, estão matriculados ainda outros 2,8 milhões de brasileiros com idade entre 18 e 24 anos, que deveriam estar cursando ou concluindo um curso de graduação.

A situação do Distrito Federal também não é animadora. Dos 130 mil brasileiros de 15 a 17 anos, 113 mil estudam. Somente pouco mais da metade (51,4%) cursa a etapa correta para a idade, que é o ensino médio. De acordo com a Secretaria de Educação do DF, 38.625 estudantes matriculados

nas turmas de ensino médio da rede pública estavam atrasados pelo menos dois anos em relação à idade ideal para cada série. Os números mais recentes sobre abandono e repetência, que são de 2005, revelam ainda que 15,55% dos matriculados à época largaram o colégio naquele ano.

O ministro da Educação, Fernando Haddad, reconheceu, na semana passada, que o ensino médio passa por uma grave crise que exige medidas urgentes para reverter-la. “A situação é crítica. A escola precisa ser mais interessante para os jovens. Falta uma conexão da educação formal com o mundo do trabalho”, opina. Ele aposta na criação de novas escolas técnicas para atender às demandas dos jovens. Até 2010, está prevista a criação de 214 novas instituições federais. Com a União

assumindo parte dos alunos do ensino médio, Haddad acredita que os governos estaduais terão mais recursos para investir na qualidade.

Novos caminhos

Na opinião de especialistas, uma das alternativas para atrair os estudantes seria oferecer diferentes tipos de currículos para quem entra na etapa final da educação básica. O ensino médio diversificado foi tema de um seminário na Câmara dos Deputados na última segunda-feira. Especialistas de diversos países mostraram como a oferta de distintas modalidades de ensino contribuíram para manter os alunos mais tempo na escola, evitar que eles se envolvessem com a criminalidade e, com mão de obra mais qualificada, aumentar a produtividade do país.

“Em quase todos os países que compõem a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o término do ensino médio é pré-condição para o cidadão obter uma boa vida. A sociedade do conhecimento exige cada vez mais competências”, afirma Pasi Sahlberg, especialista da European Training Foundation. Entre as possibilidades citadas pelos especialistas estão a criação de currículos específicos a partir de disciplinas (humanidades, artes, saúde, por exemplo) ou enfoque (profissional e acadêmico).

O deputado Gastão Vieira (PMDB-MA), presidente da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, responsável pela organização do evento, acredita que é importante conhecer as experiências de outros países para criar as próprias políticas. “Queremos obter

subsídios para propor novas políticas, mas sem copiarmos modelos de ninguém”, destaca. Na opinião do deputado, é preciso investir na educação profissional. “Em todos os países, há alternativas para os diferentes perfis dos jovens. No Brasil, só há um único trajeto”, destaca o professor das Faculdades Pitágoras, Cláudio de Moura Castro.

Caroline Cardia Alarcão, 20, Janaína de Sousa Nonato, 18, Cristiane Caria de Aquino, 19, Jonathas Rodrigues, 19, e Luís Ricardo da Silva, 19, fazem parte do contingente de jovens que não conseguiram completar o ensino médio na idade correta. Caroline teve um filho e deixou de estudar para cuidar da criança. Janaína morava na área rural e a escola era muito distante. Cristiane reprovou a 6ª série, assim como Jonathas e Luís, que ainda repetiu de ano mais

uma vez. Para eles, há muito o que mudar no ensino médio. Faltam estímulo dos professores, interesse de alunos, dinamismo às aulas, recursos e preparação para o mercado de trabalho.

Os cinco aprovam a ideia da oferta de qualificação profissional na escola. Assim que concluírem o ensino médio, eles farão um curso técnico para tentar um emprego. Jonathas é o único que pensa em disputar uma vaga no ensino superior, mas não abre mão de trabalhar. “É uma pressão muito grande”, confirma Janaína. Wélia Guimarães, diretora da Regional de Ensino de Planaltina, onde moram os jovens, defende a proposta. “Qualquer formação que dê mais oportunidades aos nossos alunos é importante. Os jovens estão cada vez mais exigentes e pedem processos mais dinâmicos”, avalia.

PELO MUNDO

Saiba como funciona o ensino médio em alguns países

Alemanha

Aos 11 anos de idade, as crianças são direcionadas a quatro tipos de escolas diferentes, de acordo com o desempenho escolar: secundárias inferiores (de onde saem com 15 anos), secundárias intermediárias (de onde saem com 16), escolas de educação geral ou escolas compreensivas. Depois dos 15 anos, os jovens escolhem entre uma formação profissional ou universitária. Na profissional, eles podem cursar um sistema dual (terão

aulas teóricas na escola e trabalharão em uma empresa no outro período), ir para uma escola técnica de nível médio (integral) ou participar de programas de treinamento e integração. Os alunos que desejam chegar à universidade precisam tirar um certificado chamado abitur.

Argentina

Quando terminam a educação básica, que corresponde ao ensino fundamental, os argentinos vão para a

educação polimodal: os jovens de 15 a 17 anos receberão uma formação geral, que engloba conteúdos básicos e comuns a todos os estudantes, e uma orientada a diferentes áreas do conhecimento, de acordo com o interesse do aluno: ciências naturais, economia e gestão das organizações, humanidades e ciências sociais, produção de bens e serviços e comunicação, artes e desenho. A duração é de três anos. Para entrar na universidade, os alunos precisam

apresentar seus currículos, que serão avaliados pelas instituições.

Chile

O ensino médio no país não é obrigatório e atende aos jovens de 14 a 17 anos de idade. Tem um período de quatro anos de duração. Há duas possibilidades de ensino: humanístico científico e técnico profissional. A primeira modalidade é destinada aos que pretendem seguir a carreira acadêmica nas universidades e a

segunda, aos que querem ingressar logo no mercado de trabalho e aprender uma profissão. Os adultos têm cursos específicos, cuja duração varia de dois a quatro anos. Os estudantes podem seguir para a universidade ou para os centros de formação profissional.

Estados Unidos

Dentro de uma mesma escola, os estudantes de high school podem optar por currículos diferentes, de

linhas acadêmica, vocacional ou geral. As classes são divididas por interesse nos conteúdos e desempenho acadêmico. Há testes específicos que os alunos devem fazer para ingressarem na universidade. As notas nas avaliações serão analisadas pelas instituições, que concederão as vagas de acordo com critérios próprios. Quem não vai para o ensino superior pode fazer cursos profissionalizantes. As escolas secundárias têm criado alternativas para os jovens, como

cursos de high school voltados para uma formação superior técnica (*tech prep*) ou preparações básicas para o mundo do trabalho e apresentação das profissões dentro da escola.

Finlândia

Depois de completar os nove anos de ensino fundamental obrigatório, os estudantes finlandeses podem optar entre fazer o ensino médio superior ou ingressar nas escolas vocacionais e de aprendizagem. O primeiro dá uma

formação mais acadêmica ao aluno e as outras, mais técnica e profissional. Quem não sabe qual caminho seguir tem o direito de permanecer mais um ano no ensino fundamental e conhecer melhor os dois modelos para se decidir. Como os currículos são baseados em módulos, nada impede que os jovens circulem entre as duas escolas e, tanto uma quanto outra podem levá-los às universidades ou escolas politécnicas. Os dois tipos de ensino médio duram três anos.

EM NÚMEROS

10.659.000
é a população brasileira com idade entre 15 e 17 anos

8.706.000
frequentam a escola

45,3%
somente cursam a etapa ideal para a idade: o ensino médio

2.874.235
jovens com idade entre 18 e 24 anos estão na mesma etapa

131.000
brasileiros têm idade entre 15 e 17 anos

113.000
deles estudam

51,4%
estão no ensino médio

36.337
estudantes de 18 a 24 anos ainda não passaram do ensino médio

76.557
fazem o ensino médio na rede pública

38.625,
no ano passado, estavam fora da idade ideal para suas séries

6.588
alunos de 15 a 17 anos da rede pública ainda estavam no ensino fundamental

15.45%
dos matriculados na rede pública do DF largaram a escola em 2005

23.15%
deles reprovaram no mesmo ano

Fonte: Síntese de Indicadores Sociais da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios (PNAD) do IBGE 2006 e Secretaria de Educação do DF